

Carlos Mraida

O REINO DOS CÉUS NA TERRA:

A Igreja como instrumento da voz de Deus nas questões relacionadas com a moralidade, à luz da evolução dos tempos

A rebelião contra o Pai: a mãe de todas as batalhas

Introdução

Pediram-me que partilhasse algumas reflexões que sirvam de ponto de partida para a interação e a contribuição de todos os presentes, sobre «*A Igreja como instrumento da voz de Deus em questões de moralidade à luz dos tempos em mudança*».

Muitos dos princípios e modos de vida que nós, cristãos, defendemos e que a sociedade tem defendido estão a ser postos em causa. A heterossexualidade, a monogamia, o casamento para toda a vida, a responsabilidade da maternidade e da paternidade, a santidade da vida humana nas suas primeiras fases de desenvolvimento, nos momentos de vulnerabilidade e no seu fim.

A questão não é apenas o desafio aos princípios da fé cristã, mas sim o desafio ao próprio conceito de verdade. Verifica-se uma desvalorização sistemática da autoridade moral da Igreja e da sua legitimidade para estabelecer e até mesmo pronunciar-se sobre estas e outras questões. Há décadas que se tem verificado um trabalho intencional, organizado e ativo por parte de militantes radicais.

Poderíamos abordar o tema do ponto de vista moral e desenvolver cada uma das questões que hoje estão em cima da mesa e em discussão. Mas, obviamente, isso exigiria uma apresentação diferente para cada um dos temas, para o que não dispomos de tempo, além de requerer uma abordagem especializada de cada um deles, para o que precisaríamos de especialistas, e eu não sou um.

Poderíamos também abordar o tema proposto a partir da teologia, da eclesiologia, da ética, da sociologia, da psicologia, da missionologia, da antropologia e da pastoral. E todas estas abordagens seriam muito adequadas. No entanto, optei por uma abordagem mais abrangente, que, na minha opinião, vai ao cerne da questão. Por isso, a minha apresentação partirá da cosmologia.

O cosmos

O apóstolo João, utilizando o verbo «sabemos», afirma duas convicções que a igreja tinha: *Sabemos que somos filhos de Deus e que o mundo inteiro está sob o domínio do maligno (1 João 5,19)*. Permitam-me começar por perguntar: será que a igreja de hoje tem esta dupla convicção? Será que a igreja vive a relação paterno-filial com Deus, com todas as suas

implicações práticas? E será que a igreja de hoje sabe que o mundo inteiro está sob o domínio do maligno?

Penso que a questão de fundo destas questões morais é a rejeição da paternidade de Deus sobre a vida dos homens e das mulheres, e o facto de se ignorar que isto é mais do que o resultado de decisões pessoais, mas que responde a um sistema de dominação (*kratos*) operado pelo pai da mentira.

Quando abordamos as questões éticas do nosso tempo, muitas vezes ignoramos aquilo que a comunidade do Novo Testamento tinha bem claro e que está relacionado com esse sistema de domínio demoníaco, chamado *kosmos*. Talvez a principal razão para ignorarmos isto seja o carácter polissémico da palavra *kosmos*, mundo. Neste contexto, não significa o universo, nem a Terra habitada pelo homem, nem a humanidade, nem uma determinada época, mas basicamente uma ordem, um sistema de domínio controlado por Satanás e que é contrário a Deus.

Quando se pensa no demoníaco, geralmente adota-se uma abordagem micro. Pensa-se em ocultismo, bruxaria, feitiçaria, etc. Mas falta uma visão macro. Refiro-me ao *kosmos*, ao sistema de domínio que está sob o controlo do *arjón tou kosmou* (príncipe do mundo), que exerce o seu domínio através de poderes, aos quais Paulo chama principados (*arjás*), potestades (*exousías*), governadores (*kosmokratores*) das trevas deste século e espíritos malignos (*pneumatiká*) (Efésios 6,12).

Estes poderes são inteligências corporativas incorporadas nas culturas, nas nações e nas instituições sociais. Estes poderes são «anjos caídos», que abandonaram a missão de afirmação da vida que Deus lhes confiou para promover os seus próprios interesses.

As questões éticas são mais do que o mero resultado das decisões morais das pessoas. Existe uma estrutura complexa de dominação que exerce o seu poder espiritual sobre os meios de comunicação social, os sistemas educativos, as instituições (incluindo a Igreja) e as empresas, e que exerce uma influência decisiva sobre as pessoas. Não reconhecer isto fará com que a nossa luta se limite apenas à carne e ao sangue.

As cosmovisões

Satanás é quem detém o controlo sobre esse sistema de dominação. É o *kosmokratór* por excelência, o príncipe deste sistema chamado *kosmos*. É a fonte dos princípios espirituais, filosóficos e morais deste mundo, que a Bíblia denomina «elementos básicos deste mundo» (*stoijéion tou kósmou*, Gálatas 4,3; Colossenses 2,8; 20). Este sistema ordenado de princípios e preceitos constitui uma cosmovisão, que é mais do que uma perspetiva do universo, mas sim uma compreensão da vida na sua totalidade. E, por conseguinte, esta visão da realidade concretiza-se em princípios éticos e comportamentos morais.

O cristianismo é, portanto, mais do que um conjunto de crenças e valores; é uma compreensão integral do mundo e, por conseguinte, uma cosmovisão que rivaliza com outras cosmovisões. A guerra cultural não se resume apenas ao aborto, aos direitos dos homossexuais, etc. Essas são apenas escaramuças. A verdadeira guerra é uma luta cósmica entre cosmovisões, entre a cosmovisão cristã e as diversas cosmovisões seculares e espirituais.

Não se trata apenas de grupos de ativistas ateus, homossexuais, pró-aborto ou feministas. Forças superiores estão em ação, poderes invisíveis que moldam a ética do presente e

pretendem ditar o futuro. Os meios de comunicação social, a indústria do entretenimento e os sistemas educativos, com os seus programas promovidos pelos governos nacionais e supranacionais, são meios privilegiados para estabelecer a agenda demoníaca.

Consequências éticas

O sistema de dominação cósmico-demoníaco manifesta-se em relações de dominação no plano humano. Relações interpessoais de manipulação, controlo e distorção (violência entre homem e mulher, desvios e perversões sexuais, desigualdade de oportunidades, machismo e feminismo, aborto, etc.), relações económicas injustas (desigualdade social, distribuição injusta da riqueza entre nações e indivíduos, pobreza, indigência, marginalização, etc.), relações políticas opressivas (que fomentam as divisões), relações raciais violentas (baseadas no ódio e na discriminação), relações geracionais marcadas pela divisão e pelas clivagens.

Anjos caídos

Esses poderes de facto não são, portanto, apenas pessoas e as suas instituições. Incluem também a espiritualidade no cerne dessas instituições e estruturas.

Os poderes são criação de Deus: *...sejam tronos, sejam domínios, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por meio dele e para ele. E ele é anterior a todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele* (Colossenses 1,16-17).

Foram criados por Deus para servir aos desígnios de Deus. Mas agora são anjos caídos. Essas forças rebelaram-se e caíram. Não aceitaram o seu lugar, mas reivindicaram para si um valor absoluto, escravizando a humanidade. Todas estas estruturas — intelectuais, morais, sociais e religiosas — contêm algumas das sementes da boa criação. Não poderia haver sociedade nem história sem a existência de estruturas religiosas, intelectuais, morais e sociais. Não podemos viver sem elas. Mas caíram. Não são capazes de nos servir como deveriam. Exigem uma lealdade incondicional do indivíduo e da sociedade. Em vez de refletirem a verdade, tornaram-se adversárias dela. Em vez de servirem os objetivos de que o ser humano viva em plenitude, passaram a dominar, coagir, corromper e escravizar, reivindicando para si o poder absoluto. O poder que ostentam é, na sua origem e nas suas consequências, de carácter demoníaco.

Walter Wink, professor de interpretação bíblica, encontrou significado no facto de as mensagens do Apocalipse serem dirigidas aos «anjos» das sete igrejas, e não às próprias igrejas. Os anjos representariam as personalidades coletivas das igrejas, portadoras da vocação que Deus conferiu a essas igrejas.

Da mesma forma, o anjo de uma cultura, sistema, nação ou instituição é o portador da vocação divina dessa cultura, nação, sistema ou instituição. Os governos, os meios de comunicação, os sistemas educativos e as instituições são «criaturas» cujo propósito original é glorificar Deus e servir o bem-estar geral. E quando se recusam a fazê-lo, a sua espiritualidade decai, adoece e fica cativa do sistema de dominação demoníaco. Assim, o demoníaco, nesta compreensão coletiva, é a espiritualidade que surge quando o anjo de uma cultura, de um governo ou de uma instituição vira as costas à autoridade de Deus e à sua vocação divina.

Já não atuam como mediadores dos desígnios criativos e salvíficos de Deus; agora vemos-os a tentar afastar-nos do amor de Deus¹, a governar sobre aqueles que vivem longe do amor de Deus², com a intenção de escravizar com as suas regras³, mantendo as pessoas submetidas à sua tutela⁴. Estas estruturas, estes poderes que foram criados para serem nossos servos, tornaram-se senhores e tutores do ser humano.

Os demónios não se encontram num mundo subterrâneo, mas «sobre» as estruturas socio-espirituais que constituem o único mundo real. Quando um determinado poder se torna idólatra, ou seja, quando persegue uma vocação diferente daquela que Deus estabeleceu e faz dos seus próprios interesses de dominação e destruição o bem supremo, então esse poder torna-se demoníaco.

A tarefa da Igreja é desmascarar esta idolatria e proclamar aos poderes os desígnios criadores de Deus Pai, a sua sabedoria multifacetada, para que se submetam à vocação divina e cumpram a sua missão no mundo (Efésios 3,10). E a Igreja deve realizar esta tarefa, reconhecendo, em primeiro lugar, a sua própria queda, as suas idolatrias. O mal não é apenas pessoal, mas também estrutural e espiritual. Não é simplesmente o resultado de ações humanas, mas a consequência de enormes sistemas sobre os quais nenhum indivíduo tem controlo total. Só ao confrontar a espiritualidade de uma cosmovisão, cultura, governo, instituição e as suas manifestações físicas é que se pode transformar a estrutura na sua totalidade.

Desmascarar os poderes retira-lhes a invisibilidade e, conseqüentemente, a capacidade de nos obrigar inconscientemente a cumprir as suas ordens. A tarefa da redenção não se limita a indivíduos transformados, mas também à transformação das suas cosmovisões, governos e instituições decadentes. Essa redenção culminará na salvação, não só das pessoas, mas também das nações⁵.

A guerra

Existe uma guerra cósmica que se manifesta na Terra. A guerra, a mãe de todas as batalhas, é, em última análise, um confronto contra a paternidade de Deus. Pois a rejeição da paternidade de Deus implica a rejeição da Sua autoridade, da Sua visão do mundo, e provoca uma distorção na identidade dos filhos e no seu comportamento moral, bem como a perda da herança dos filhos. Por isso, a redenção que nos liberta da escravidão a esse sistema de dominação é o espírito de adoção em ação, que restabelece a relação Pai-filhos⁶.

¹ *Por lo cual estoy seguro de que ni la muerte, ni la vida, ni ángeles, ni principados, ni potestades, ni lo presente, ni lo por venir, ni lo alto, ni lo profundo, ni ninguna otra cosa creada nos podrá separar del amor de Dios, que es en Cristo Jesús Señor nuestro (Romanos 8:38).*

² *en los cuales anduvisteis en otro tiempo, siguiendo la corriente de este mundo, conforme al príncipe de la potestad del aire, el espíritu que ahora opera en los hijos de desobediencia (Efesios 2:2).*

³ *Pues si habéis muerto con Cristo en cuanto a los rudimentos del mundo, ¿por qué, como si vivieseis en el mundo, os sometéis a preceptos tales como...? (Colosenses 2.20)*

⁴ *Así también nosotros, cuando éramos niños, estábamos en esclavitud bajo los rudimentos del mundo (Gálatas 4:3).*

⁵ *Por tanto, id, y haced discípulos a todas las naciones, bautizándolos en el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo (Mateo 28.19); ¿Quién no te temerá, oh Señor, y glorificará tu nombre? pues sólo tú eres santo; por lo cual todas las naciones vendrán y te adorarán, porque tus juicios se han manifestado (Apocalipsis 15.4).*

⁶ Romanos 8, Gálatas 4.

O Salmo 2 expressa claramente este confronto. Trata-se de uma revolta, de uma conspiração, de uma rebelião, não de alguns indivíduos, mas de todo um sistema: *Por que é que as pessoas se revoltam e os povos pensam em coisas vãs? Os reis da terra levantar-se-ão, e os príncipes consultar-se-ão em união contra o Senhor e contra o seu ungido (2,1-2).*

A conspiração é contra Jeová e o seu ungido. No versículo 7, é-nos apresentada a questão da paternidade: *Jeová disse-me: «Tu és o meu filho; hoje eu te gerei.»* Era absolutamente indispensável que o Filho viesse para demonstrar a sua submissão absoluta ao Pai e que a sua identidade como Messias dependesse dessa paternidade.

Relato fundador

Toda cosmovisão tem uma narrativa fundadora que lhe confere sentido e explicação, que codifica crenças que estabelecem e consolidam determinados princípios morais e os procedimentos para o seu cumprimento, que proporcionam um sentimento de pertença e explicam a nossa criação.

A conspiração revelada no Salmo 2 tem uma narrativa fundadora, uma forma de pensar que se repete até se tornar coletiva. No salmo, é-nos dito que *os povos pensam coisas vãs (2)*. O verbo *jagá* refere-se a um pensamento que se proclama e se apresenta como uma resposta assumida por todos. Este relato enganador, proveniente do pai da mentira, estabeleceu-se entre as pessoas, os povos, e a verdade é que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo mantém as pessoas escravizadas, reprimidas e com a sua liberdade individual restringida. Por isso, o objetivo desta revolta é libertar-se do governo que o Pai exerce através do seu Filho ungido: *Rompamos as suas amarras e livremo-nos das suas cordas (3)*.

São os reis da terra e os príncipes que acordam e estabelecem esta cosmovisão enganadora⁷. Mas, por trás deles, estão os poderes espirituais, os principados e as potestades que instauraram uma espiritualidade decadente nos poderes humanos, desviando-os da vocação divina.

Entretanto, o Pai nos céus ri-se e zomba deles e dos seus planos, sabendo que o Seu plano, a história da salvação, decorre triunfante e que os poderes demoníacos serão perturbados⁸. E o seu povo, os seus filhos, aqueles que estão no seu reino e vivem no seu monte de santidade⁹, pedem e assumem a sua herança de autoridade e governo sobre as nações¹⁰, proclamando decretos no mundo espiritual¹¹ e quebrando os poderes demoníacos e despedaçando, como um vaso de oleiro, o seu sistema de dominação, cosmovisão e narrativa¹².

⁷ *Se levantarán los reyes de la tierra, y príncipes consultarán unidos contra Jehová y contra su ungido (2).*

⁸ *El que mora en los cielos se reirá; el Señor se burlará de ellos. Luego hablará a ellos en su furor, y los turbará con su ira (4-5).*

⁹ *Pero yo he puesto mi rey sobre Sion, mi santo monte (6).*

¹⁰ *Pídeme, y te daré por herencia las naciones, y como posesión tuya los confines de la tierra (8).*

¹¹ *Yo publicaré el decreto; Jehová me ha dicho: Mi hijo eres tú; Yo te engendré hoy (7).*

¹² *Los quebrantarás con vara de hierro; como vasija de alfarero los desmenuzarás (9). El apóstol Pablo lo expresaría en 2 Corintios 10.4-5: porque las armas de nuestra milicia no son carnales, sino poderosas en Dios para la destrucción de fortalezas, derribando argumentos y toda altivez que se levanta contra el conocimiento de Dios, y llevando cautivo todo pensamiento a la obediencia a Cristo.*

As últimas batalhas

O confronto cósmico não se dá apenas no âmbito do espiritual, mas também no das ideias, porque, como vimos, trata-se de um confronto de cosmovisões com as respetivas narrativas. No século XX, entre outras, ocorreram três grandes batalhas que desafiaram o cristianismo e que não foram senão rejeições da Paternidade de Deus e da Sua cosmovisão e, por conseguinte, da soberania do Seu Filho ungido.

A primeira dessas grandes batalhas espirituais e ideológicas foi o darwinismo. A segunda foi o marxismo. E a terceira grande batalha foi o pensamento freudiano. Embora tanto Darwin como Marx tenham vivido no século XIX, as suas ideias encontraram a sua expansão no século XX. E as três apresentam cosmovisões que atacam diretamente a figura de Deus como Pai e autoridade, e que opõem a cosmovisão bíblica a uma visão naturalista e materialista. As três ideologias atacaram «o estabelecido», cujo fundamento é o conceito de autoridade que, por sua vez, se baseia na paternidade. Procura-se uma desconstrução da figura do Pai, no âmbito do natural, do social e do psico-sexual. Como diria Freud, acabar com a ilusão de Deus como proto-pai ou pai primitivo todo-poderoso que defende dos perigos. E as três tiveram como objetivo emancipar-se das «amarras» da autoridade desse Pai, com as consequências éticas que isso acarretou.

A batalha atual

A grande batalha do século XXI é também um ataque à paternidade de Deus e a busca pela emancipação humana da Sua autoridade, negando a identidade humana como criatura feita à imagem do seu Criador. Esta batalha contra o Pai e, por conseguinte, contra os Seus filhos, a Igreja, é a ideologia de género. Robert Sarah expressa-o assim: «De facto, se Deus já não é Pai, o cidadão deixa de ser filho. Deixa, portanto, de ser uma pessoa que recebe tudo do seu Pai; transforma-se num indivíduo, abandonado a si próprio na organização do mundo e do seu próprio destino. Como já não recebe a sua identidade (daquele à cuja imagem e semelhança foi criado), tem de a construir ele próprio, apoiando-se apenas na sua razão. Atualmente, com a ideologia de género, o homem está abandonado, difamado, é destruído, os seus valores e a sua sexualidade são destruídos, e é pouco menos do que um animal. O homem está abandonado à sua única razão e, por isso, perde pouco a pouco todo o contacto com a Fonte, a paternidade de Deus, que é a que ilumina a sua consciência».

Como vimos, todo sistema de dominação deve ter um mito de dominação, um relato fundador, uma história que explique como as coisas chegaram a ser assim, e que se repita com insistência e seja «confirmada» com bastante frequência na vida quotidiana, até deixar de ser um relato e passar a ser aceite como verdade e realidade. E quando isso acontece, as pessoas aceitam a história mesmo que ela esteja a destruir as suas vidas. A narrativa que os poderes espirituais instauraram na nossa época através dos meios de comunicação social, da indústria do entretenimento, dos governos e dos conteúdos curriculares dos sistemas educativos é o mito da ideologia de género.

É uma ideologia (ou seja, um sistema de pensamento fechado) que defende que as diferenças entre o homem e a mulher, apesar das diferenças biológicas óbvias, não correspondem a uma natureza fixa, mas são construções meramente culturais e

convencionais, criadas de acordo com os papéis e estereótipos que cada sociedade atribui aos sexos.

Si bien la ideología de género no tiene asidero científico alguno¹³, se impone a través de los gobiernos, por intermedio de organismos internacionales como a ONU e as suas agências, tais como o Fundo para a População, a UNICEF, a UNESCO e a OMS, que elaboraram numerosos documentos com categorias próprias desta ideologia e que se tornaram alguns dos seus principais canais de defesa. A ideologia de género propõe a libertação total. Algumas implicações éticas da ideologia de género:

1. Problemas de identidade e prática sexual. Esta ideologia defende que não existem sexos; apenas papéis e orientações sexuais mutáveis, que podem ser alterados ao longo da vida quantas vezes se quiser.
2. Aceitação e promoção do aborto. O que se segue à morte do pai é a morte da mãe e, depois, a do filho. E ao não se promover o verdadeiro sentido da maternidade desejado por Deus, na união entre o homem e a mulher, a prole perde a sua dignidade de dom para se tornar um objeto. De facto, os grupos defensores desta ideologia são, na sua maioria, militantes radicais a favor do aborto sem restrições. O que está em causa na sua agenda de libertação total é libertar a mulher da escravidão da reprodução, através da contraceção e do aborto.
3. Destruição das relações familiares¹⁴. As pessoas, ao negarem a sua própria natureza, reinventam-se de acordo com os seus próprios sentimentos e vontade, negando à família o facto de ser uma realidade pré-estabelecida pela criação. É claro que tudo isto ataca diretamente a ideia conhecida e tradicional de família. Uma realidade que se compõe da união entre um homem e uma mulher, muito claramente definida, da qual, graças à sua complementaridade, nasce um menino ou uma menina. A ideia que temos de como é uma família e de como é a sociedade vai-se transformando pouco a pouco. Existem tantos novos modelos de «família» quantos os novos tipos de género.
4. Perda do direito dos pais à educação dos filhos. A família, enquanto sociedade natural, existe antes do Estado ou de qualquer outra comunidade e possui direitos próprios que são inalienáveis. No entanto, a ideologia de género impõe esta visão da vida através de programas obrigatórios nas escolas, porque os pais já estão culturalmente programados para continuar a afirmar os atuais papéis do masculino e do feminino.

¹³ Para un estudio científico serio del tema ver: Lawrence Mayer, Paul R. McHugh “Sexuality and Gender. Findings from the Biological, Psychological, and Social Sciences”,

<https://www.thenewatlantis.com/publications/introduction-sexuality-and-gender> El doctor Lawrence S. Mayer es médico psiquiatra, epidemiólogo y matemático, y profesor del Departamento de Psiquiatría de la Universidad Johns Hopkins y profesor de Estadística en la Universidad del Estado de Arizona. Ha trabajado en centros tan prestigiosos como la Universidad de Princeton y la Clínica Mayo. El doctor Paul R. McHugh estudió en Harvard y está considerado el más importante psiquiatra norteamericano del último medio siglo. Fue durante veinticinco años jefe de Psiquiatría en el Hospital Johns Hopkins. El estudio demuestra que no existe ninguna evidencia científica que avale las afirmaciones de la ideología de género.

¹⁴ El Papa Francisco en *Amoris Laetitia*, publicada en marzo de 2016, dice que la ideología de género “presenta una sociedad sin diferencias de sexo, y vacía el fundamento antropológico de la familia”.

Na base desta ideologia está o conceito de que a «libertação» do indivíduo passa pelo «assassinato» do pai, uma vez que o patriarcado é a institucionalização do controlo masculino sobre a mulher, os filhos e a sociedade, perpetuando a subordinação da mulher. E, obviamente, entendem que esse patriarcado tem o seu fundamento na religião e na figura de Deus Pai. Tal como se afirma na tese do Código Da Vinci, as religiões são uma invenção para oprimir as mulheres. Por conseguinte, a sua missão é a desconstrução de tudo o que é religioso.

O inimigo de sempre

Há quem encontre a origem da rebelião contra Deus Pai nos já mencionados Darwin, Marx, Freud e no pensamento de Friedrich Nietzsche, com a sua teoria do super-homem e o seu suposto remédio para o desespero provocado pela morte de Deus. Já no século passado, Jean-Paul Sartre e o seu niilismo libertário acrescentam mais um elo à cadeia. Outros remontam ainda mais ao passado, afirmando que a libertação de Deus Pai ocorreu há muito tempo, quando as democracias ocidentais se formaram num contexto deísta. Os grandes pensadores do racionalismo (desde Voltaire a Diderot, passando por d'Alembert) deram origem à famosa Revolução Francesa, que será apresentada pela corrente laica como a génese da libertação do homem em relação ao Deus dos cristãos.

Na verdade, do ponto de vista bíblico, já encontramos isto em Génesis 3,5. A «libertação» de Deus é provocada pela entronização do «eu». Adão e Eva a tentarem ser eles próprios os deuses das suas vidas. Esta abordagem levou e continua a levar o ser humano a abandonar a sua condição de pessoa (à imagem e semelhança de Deus) para se tornar simplesmente um indivíduo, separado do seu Pai e do seu propósito. A partir daí, para o «eu», tudo é possível. Como afirma o Salmo 2, o «eu» procura livrar-se do governo de Deus Pai e do seu Filho, o Messias. É por isso que ideologias como as que acabámos de referir encontram o seu âmbito de máximo desenvolvimento no seio de uma cultura hiperindividualista como a nossa¹⁵.

O individualismo, na sua máxima expressão, é a negação de toda a autoridade fora do eu, é a divinização do eu, é a base da rebelião contra Deus Pai. E, quando se trata de encontrar respostas por parte da Igreja para as questões éticas que o nosso mundo nos coloca, não devemos esquecer o inimigo último nesta rebelião, que não é outro senão o eu. Por isso, a salvação consiste na negação de si mesmo, na crucificação diária do «eu» e no seguimento obediente do Filho. Serão batalhas perdidas se nos concentrarmos apenas nas questões morais e esquecermos o seu fundamento egocêntrico que se rebela contra o Pai. No final do século XIX, o famoso escritor Dostoiévski dizia: «Se Deus não existe, tudo é permitido».

O sistema de domínio estabelecido no *kosmos* por Satanás existe porque a autoridade que Deus concedeu ao ser humano foi entregue a Satanás a partir da rebelião egocêntrica contra o Pai.

Respostas da Igreja e as suas limitações

¹⁵ Luc Ferry ha llamado a nuestro tiempo la época del “ultraindividualismo”, Pascal Bruckner lo ha bautizado como “superindividualismo”. Giles Lipovetsky ha calificado este período de “segunda revolución individualista” ó paso del individualismo limitado al individualismo total.

A Igreja tem tentado responder a este sistema de domínio cósmico de diferentes formas¹⁶. Poderíamos resumir essas respostas em sete pontos básicos:

1. Cosmovisão escapista: Furioso, irónico e resignado, Francisco I de França escreveu ao Papa Alexandre VI: «O sol brilha para mim tal como para os outros. Gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me exclui da partilha do mundo e deixa tudo para os castelhanos e os portugueses». O testamento de Adão foi designado como o Tratado de Tordesilhas, que dividiu, ao longo do meridiano, a navegação no Atlântico e as novas terras americanas entre espanhóis e portugueses. E a referência de Francisco I é a um apócrifo provavelmente sírio, onde se fala da morte e do testamento de Adão e onde se traça uma linha divisória em que a terra é o lugar dos pecadores, do sofrimento e da morte, e os novos céus o lugar onde, finalmente, os seus filhos terão poder.

Durante muitos anos, a igreja defendeu uma escatologia com uma «linha de Tordesilhas» e um «testamento de Adão», segundo a qual se acreditava que o céu pertencia a Deus e a terra ao diabo. Isto deu origem a uma missiologia escapista, alheia às problemáticas terrenas, pois, afinal, a terra caminha para a sua destruição. Na presente dispensação, defendem alguns irmãos, o mundo é território demoníaco e qualquer envolvimento da igreja para responder aos problemas mundanos resultaria numa espécie de prostituição e capitulação perante os poderes deste mundo. Esta postura entregou a terra ao diabo e ao seu sistema de dominação e, obviamente, tornou a igreja incapaz de transformar a realidade, favorecendo o avanço do mal na terra. Um dos grandes paradoxos do nosso tempo é que muitos não-cristãos manifestam uma preocupação e uma compaixão pelos que sofrem e pelos problemas da realidade maiores do que os próprios cristãos. A indiferença de muitos cristãos deixa qualquer pessoa perplexa.

2. Cosmovisão de cativo cultural: É quando a cultura do nosso tempo, com os seus valores e crenças, penetra na igreja e esta fica cativa dessa cultura. É o que acredito estar a acontecer, na sua maioria, com a igreja hoje¹⁷. Vemos uma igreja cativa do individualismo, por meio de um evangelho intimista, privatizado e individualista. Cativa do egocentrismo narcisista, por meio de um evangelho de autoajuda. Cativa da cultura do entretenimento, onde a igreja se torna mera espectadora do espetáculo religioso que é oferecido a partir de um palco ou plataforma. Cativa do materialismo, por meio do evangelho da prosperidade que transforma a Casa do Pai numa casa de mercado. Cativa da cultura consumista, por meio de um evangelho egocêntrico de ofertas, onde as pessoas apenas procuram receber. Quando a igreja cai na servidão cultural, adotando a cosmovisão do sistema de dominação, fica obviamente impossibilitada de transformar a realidade.

¹⁶ Para un desarrollo más amplio de las respuestas de la iglesia a las problemáticas sociales ver: *Carlos Mraida, La política y el ministerio apostólico, AFI: Marcianise, Italia, June 8-11, 2010*. Allí presento 12 posturas que la iglesia ha asumido frente a la cuestión social.

¹⁷ Para un desarrollo mayor de esta situación, ver: *Carlos Mraida, El desafío de la iglesia en Sudamérica*. AFI, Consulta: Los desafíos de la iglesia en el mundo de hoy. Roma, miércoles 31-5-2017.

3. Cosmovisão do avivamento: Para muitos evangélicos, a resposta que a igreja deve dar é a de orar por um avivamento que leve à conversão de um número suficiente de pessoas e, dessa forma, transforme a cultura e o desastre social. E esse reavivamento virá através da evangelização, de forma a transformar vidas que, por sua vez, transformarão o mundo. «Podemos transformar o mundo, uma vida de cada vez.» O já falecido e proeminente líder evangélico Bill Bright organizava encontros de jejum e oração com isto em mente. Ele afirmava: «Na minha opinião, a única forma de transformar o mundo é transformar os indivíduos. Pessoas transformadas, em número suficiente, darão origem a comunidades transformadas, cidades transformadas, estados e nações transformadas; sim, num sentido muito real, um mundo transformado. Jesus Cristo é o Único que pode transformar as pessoas a partir de dentro. Nós podemos ajudar a transformar o mundo, levando as pessoas a Jesus Cristo»¹⁸.

Como é óbvio, partilho plenamente o apelo à evangelização e à oração por um reavivamento. Acredito que evangelizar é fundamental na vida de um discípulo e de uma congregação. Acredito também que a vida das pessoas muda, os seus comportamentos são transformados e isso tem um efeito maravilhoso no seu ambiente e nas suas relações. No entanto, há 21 séculos que a Igreja vem a transformar o coração do homem, mas a sociedade está cada vez pior do ponto de vista moral. É evidente que a missão deve ser mais abrangente. E a expectativa de um reavivamento, que também partilho, quando mal compreendida, provocou uma espécie de paralisia, levando-nos a esperar por algo que não chega. E enquanto aguardamos o reavivamento, o sistema de domínio demoníaco torna-se cada vez mais forte.

4. Cosmovisão de protesto moral: Em alguns países, os evangélicos uniram-se para se opor a questões de moralidade pública, na sua maioria relacionadas com pecados ligados à sexualidade (pornografia, aborto, prostituição, homossexualidade). Este tem sido um passo importante para sair da escatologia escapista e participar na sociedade. Eu próprio já participei em muitas destas manifestações e, recentemente, numa a favor da vida e contra a descriminalização do aborto no meu país. No entanto, esta perspetiva faz com que o diabo e o seu sistema de dominação tomem a iniciativa, colocando a igreja numa posição reativa e de abordagem «negativa»; na maioria dos casos, essa reação chega tarde, porque o diabo já tinha ganho a batalha cultural através dos meios de comunicação social e do lobby político. Como efeito colateral, a sua abordagem microética, que reduz a questão moral ao que está relacionado com o sexo, criou a imagem de que os cristãos são pessoas de direita conservadora, que só estão interessadas nestes temas, que só se manifestam por estes temas, que nunca se pronunciam sobre as questões que a sociedade entende como as suas necessidades mais prementes, como a pobreza, a distribuição injusta da riqueza, a violência contra as mulheres, a educação, a saúde e outras lutas sociais nas quais a Igreja contemporânea não participa.

¹⁸ Citado por James Davison Hunter, *Para cambiar el mundo: La ironía, la tragedia y la posibilidad del cristianismo en el mundo actual*, (Buenos Aires: Peniel, 2015), p.21. Aprecio el valioso aporte del Dr. Hunter, a quien sigo en muchos de sus desarrollos.

5. Cosmovisão centrada na política: Esta perspetiva defende que as más leis são o resultado de más decisões tomadas por indivíduos que são políticos, legisladores e formuladores de políticas. Por isso, para mudar a realidade, é necessária a participação ativa dos cristãos na política, e que o povo de Deus vote em candidatos a cargos públicos que tenham os valores corretos, para que tomem as decisões corretas. Tom Minnery afirma: «Os cristãos têm as mesmas possibilidades de influenciar boas políticas públicas e não apenas de protestar depois de terem sido estabelecidas más políticas»¹⁹. A crença manifestada por muitos bons crentes norte-americanos e latino-americanos é que, no dia em que a sua nação tiver um presidente nascido de novo, tudo mudará na sociedade. Mas este sonho ignora que isso já aconteceu e que, no entanto, as mudanças culturais não ocorreram; o sistema de domínio demoníaco nessas nações presididas por presidentes nascidos de novo avançou.

Acredito firmemente que a política é um campo de ação para os cristãos com vocação para o serviço nesse domínio, que deve ser exercida não apesar da fé, mas por causa da fé, e que a Igreja deve despertar essa vocação nos seus membros. Mas também tenho a convicção de que a transformação da cultura que todos nós desejamos está além das possibilidades da política e do governo. Devemos desmistificar a política, libertando-a da ilusão de onipotência e estabelecendo claramente o que a política pode fazer e o que não pode.

6. Cosmovisão da reforma moral: Aqui, a perspetiva assenta na mudança da cultura através de uma renovação da sociedade civil. Ao contrário da anterior, reconhece que, embora a política tenha o seu lugar, é muito limitada no que diz respeito ao que pode realmente alcançar. Don Eberly expressa-o da seguinte forma: «as questões mais prementes do nosso tempo são de natureza social e cultural, para as quais não existem soluções fáceis por parte do governo»²⁰. A forma de o fazer é através das organizações intermédias, associações voluntárias que se tornam meios de correção social quando outras formas de ação pública, como a alteração legislativa, não são suficientes. Estes movimentos procuram incutir caráter, tratando o indivíduo como capaz e responsável por exercer o autocontrolo.

É inquestionável o contributo positivo que estes movimentos propõem, mas a sua postura peca por um voluntarismo excessivo e carece de sustentabilidade a longo prazo, uma vez que não altera o rumo e a direção da cultura na sua totalidade.

7. Cosmovisão do materialismo cultural: Concebe a cultura não como um conjunto de ideias, mas sim como um conjunto de bens tangíveis. É, acima de tudo, materialidade, coisas concretas²¹. As ideias, os valores e as crenças não flutuam no ar, mas expressam-se através das coisas. E uma cultura muda quando são introduzidos novos bens culturais, produtos concretos, sejam eles livros, telemóveis, edifícios, etc. Os evangélicos mais jovens foram conquistados por esta cosmovisão.

¹⁹ Tom Minnery, *Why You Can't Stay Silent: The Biblical Mandate to Shape Our Culture*. (Wheaton, Tyndale House, 2001), p. 58.

²⁰ Don Eberly, "Compassionate Conservatism: Voluntary Associations and the Remoralization of América" (discurso em Heritage Foundation, 8-11-1999), citado por Hunter, p. 27.

²¹ Andy Crouch, *Culture Making: Rediscovering Our Creative Calling* (Downe Grove, IVP Books, 2008), p. 10. Citado por Hunter, p. 46.

Nas últimas décadas, tem havido uma produção massiva de bens culturais, como música, livros, publicações, teologia, cinema cristão, etc.

Isto tem sido uma fonte de enriquecimento maravilhoso para a igreja, da qual todos, de uma forma ou de outra, fizemos e fazemos parte, mas não só não afetou significativamente a realidade da sociedade e o seu sistema de dominação demoníaca, como também alimentou o consumismo religioso.

Estas sete respostas enfrentam, para além das limitações próprias de cada uma das cosmovisões que as sustentam e que já destacámos, limitações comuns a todas elas.

A primeira é que apresentam uma visão parcial da missão da Igreja, perdendo de vista a sua integralidade.

Em segundo lugar, ignoram o inimigo último contra o qual se luta, que é o eu. E têm em comum o facto de serem respostas individualistas. Desde a evangelização para o reavivamento que pretende mudar o mundo transformando as pessoas uma a uma, até às instituições de reforma moral que pretendem capacitar o indivíduo através do desenvolvimento do carácter e do autocontrolo, passando pelo protesto moral, pela participação política e pela produção cultural. Esta perspetiva individualista, própria do evangelho individualista que recebemos e transmitimos, acredita que as culturas são constituídas e transformadas por meio das ações de uma soma de indivíduos. Mas não só não se pode responder ao problema com o próprio problema, como esta abordagem da cultura como soma de indivíduos é incorreta. A cultura não é o produto meramente de indivíduos isolados, mas de instituições e das elites que as governam. Os indivíduos têm crenças e valores e, como tal, fazem parte de uma ordem social e das suas instituições. Mas, ao mesmo tempo, essas instituições e a ordem social mais ampla da qual fazem parte não só proporcionam o quadro de significados e relações sociais em que os indivíduos atuam, como também «atuam» sobre os indivíduos, influenciando a formação das estruturas da sua consciência.

Na formação da cultura, os indivíduos têm o seu papel, mas o poder das instituições (Estado, mercado, educação, meios de comunicação social, ciência e tecnologia, família) e das elites que as governam é muito maior.

Este individualismo é alimentado pela visão do Antigo Testamento de que a história é algo como a biografia dos grandes homens. Este relato fundador de muitos modelos de missão e de pastoral ignora, nem mais nem menos, o facto central da história da salvação: a vinda do Messias, o seu sacrifício redentor, a sua exaltação suprema, a efusão do Espírito Santo e o estabelecimento do Corpo de Cristo na terra, a Igreja, como resposta coletiva, comunitária e cultural do Reino de Deus na terra.

Os esforços baseados numa resposta individualista produzem bons resultados individuais, mas não influenciam o tecido social que torna essas mudanças sustentáveis. Daí que o extraordinário crescimento numérico da Igreja na América Latina não tenha produzido mudanças significativas a nível cultural. As elites no poder não foram afetadas, e as instituições responsáveis pela formação e transmissão da cultura não foram reestruturadas (educação, meios de comunicação social, entretenimento, publicidade, desporto).

Em terceiro lugar, ao individualismo junta-se o voluntarismo. Mas o voluntarismo, por mais louvável que seja, ignora que não temos consciência da maior parte das questões que

moldam e orientam a vida de uma cultura, e que opera muito abaixo (ou acima) do que a maioria de nós é capaz de perceber conscientemente. E que constituem precisamente esse sistema de dominação enraizado nas estruturas.

Os desafios do presente

Para as correntes evangélicas mais conservadoras, o grande desafio do nosso mundo é a secularidade e os seus efeitos morais na cultura. E, por conseguinte, o desafio da missão é a ressacralização da sociedade, ou seja, voltar a incluir Deus em todas as esferas da sociedade e, com Ele, recuperar a moral perdida.

Para as correntes evangélicas mais progressistas, o grande desafio do nosso mundo é a desigualdade, e o desafio da missão consiste em alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

O problema é que ambos os setores reconhecem apenas uma parte do quebra-cabeças do nosso mundo. E, por isso, acreditam que o desafio que consideram é o problema por excelência. Mas uma visão mais bíblica e integral da realidade mostra-nos a multiplicidade de desafios e a enorme complexidade das suas causas.

Por isso, congratulo-me pelo facto de, nesta consulta da AFI, não estarmos a escolher entre moralidade e justiça social, mas sim a considerar ambas as questões. Coube-me a mim refletir sobre os desafios morais nesta apresentação, mas quero deixar clara esta abordagem integral das questões e da ética cristã numa perspetiva bíblica. Assim, no âmbito do tema que me foi solicitado, gostaria de apresentar mais dois desafios.

O desafio da perda do conceito de verdade

A rebelião contra Deus Pai, enquanto autoridade absoluta, teve como consequência a ausência do conceito de verdade. Ao não existir mais uma autoridade absoluta, também não existe uma verdade absoluta. Verifica-se um esvaziamento dos discursos e uma perda de confiança na palavra como descrição da realidade. Muito mais ainda quando se trata da Palavra de Deus, ou seja, da Palavra daquele que já não é reconhecido como autoridade. Por conseguinte, o peso que essa Palavra possa ter na vida moral das pessoas é hoje fortemente questionado.

Os cristãos mais liberais têm tentado responder a este desafio, renegociando o significado da Palavra de formas mais aceitáveis para as conceções seculares atuais. Daí o surgimento de teologias da imanência que tentam dar respostas às problemáticas sociais. O preço a pagar foi a perda de fidelidade.

Os cristãos mais conservadores têm tentado responder a este desafio da «pós-verdade», resistindo ao ataque contra a autoridade da Palavra de Deus e combatendo as diversas correntes mundanas que minam essa autoridade. O preço a pagar tem sido, em muitos casos, o isolamento, a perda de relevância, a definição da identidade com base na reação ao que os outros dizem e, em muitos casos, a adoção de atitudes hostis e agressivas para com aqueles que pensam de forma diferente, esbatendo a sua identidade de filhos de um Pai que ama.

Como é óbvio, precisamos de encontrar um caminho alternativo que concilie o amor pelo próximo e a fidelidade à Palavra. Ou, para o dizer em terminologia bíblica, ter uma missão

pertinente, encarnada na realidade, que, tal como o Logos que se encarnou, seja cheia de graça e de verdade. Uma missão fiel que siga a verdade no amor²².

O desafio de viver na Babilónia

O segundo é o desafio da diferença, como Hunter lhe chama: como pensamos naqueles que são diferentes de nós, com valores, crenças e comportamentos distintos? Como nos relacionamos com eles e com um mundo que não é o nosso mundo? Vivemos num mundo pluralista, ou seja, onde coexistem simultaneamente múltiplas culturas e cosmovisões. No passado, isso não era assim, pois a cultura cristã era dominante no Ocidente. Hoje, assistimos a um confronto entre cosmovisões em conflito. Este pluralismo continuará provavelmente a ser uma característica fundamental e, para alguns, permanente da ordem social do mundo em que vivemos e viveremos.

Isto tem repercussões diretas na vida e na missão da igreja. Apenas a título de exemplo: a maioria dos cristãos tem uma posição firme sobre a homossexualidade, que decorre do conteúdo bíblico explícito e claro. Ou seja, a homossexualidade é pecado. Dito isto, como é que vemos aqueles que, mesmo sabendo da nossa convicção, decidem viver esse estilo de vida? Como nos aproximamos deles? Como os alcançamos com o evangelho? Será que desenvolvemos um espírito compassivo e amoroso para com eles? Como é que eles nos veem? Será que as nossas manifestações de protesto moral em relação a este tema têm sido acompanhadas por atos igualmente massivos de amor para com estes pecadores?

Alguns, os evangélicos mais conservadores, assumem uma atitude defensiva. O «outro» é uma ameaça para a igreja. Mais uma vez, o preço a pagar por tentarem ser fiéis aos valores bíblicos tem sido, em muitos casos, o isolamento e a rejeição do outro. Por seu lado, os evangélicos mais liberais têm tentado exatamente o contrário. Minimizar qualquer diferença em relação aos não cristãos, evitando assim conflitos e tensões e tornando-se mais aceites, tentando apagar a imagem que, segundo eles, os mais conservadores transmitiram do cristianismo, como algo reacionário, antiquado, repressivo, insensível e discriminatório. Tal como no desafio anterior, o preço a pagar por se mostrarem relevantes e inclusivos tem sido, para muitos, a perda de fidelidade aos valores do Reino.

Em suma, a diferença é um grande desafio: é o desafio de viver na Babilónia. Grande parte dos crentes evangélicos e, especialmente, dos seus líderes, acredita que o que está em causa é viver de acordo com as leis de Israel. Ou seja, impor, de qualquer forma, o estilo de vida e os valores do Reino no seio de uma sociedade que não está sob o Rei. Além de ser um absurdo teológico que torna inútil a obra de Cristo, isto ignora a realidade pluralista em que

²² Juan 1. 14: *Y aquel Verbo fue hecho carne, y habitó entre nosotros (y vimos su gloria, gloria como del unigénito del Padre), lleno de gracia y de verdad. Juan 1.17: Pues la ley por medio de Moisés fue dada, pero la gracia y la verdad vinieron por medio de Jesucristo. Efesios 4.15: sino que siguiendo la verdad en amor, crezcamos en todo en aquel que es la cabeza, esto es, Cristo. 2 Juan 1.3: Sea con vosotros gracia, misericordia y paz, de Dios Padre y del Señor Jesucristo, Hijo del Padre, en verdad y en amor.*

vivemos, quer gostemos quer não. Os valores do Reino não se impõem. E por mais que, como cidadãos, devamos trabalhar para que sejam promulgadas as melhores leis, não são as leis que mudarão a nossa cultura. Não há soluções políticas completas e sustentáveis para a deterioração dos valores familiares, para a falta de decoro ou para a propagação da vulgaridade. O papel do Estado nestas questões é menos importante do que, por vezes, pensamos. É verdade que as leis não são neutras, mas refletem valores. No entanto, as leis não podem gerar valores. Reitero que isto não significa que não devamos trabalhar e até lutar para que sejam promulgadas as melhores leis. Contudo, a crença de que o Estado pode resolver estes problemas que ultrapassam as fronteiras de uma nação, que têm uma escala universal precisamente por serem supraestatais, é uma ilusão.

É por isso que considero essencial enfrentar o desafio da diferença, ou do pluralismo. Se, como tenho vindo a dizer, estamos no meio de uma guerra, é fundamental compreender como a travar.

O paradigma da Conquista

Para muitos cristãos hoje em dia, especialmente na América Latina, a conquista da terra prometida narrada nos livros de Josué e Juízes tornou-se o relato fundador da sua missão. De facto, o número de congressos, seminários e encontros cujo título inclui a palavra «Conquista» é avassalador. Obviamente, trata-se de algo mais do que um slogan ou lema para um evento cristão. O uso intencional da palavra «Conquista» revela uma cosmovisão subjacente e uma posição perante o desafio da diferença.

O uso de frases motivadoras e triunfalistas como: «reivindicar as nações para Cristo», «conquistar os âmbitos de influência», «capturar as esferas de poder», etc., longe de revelar o sentimento de vitória que se pretende transmitir, reflete uma linguagem de perda, derrota, desilusão, raiva, frustração e desejo de conquista.

Trata-se de uma reedição do projeto constantiniano da cristandade, em que o objetivo é que os cristãos conquistem o poder e, a partir daí, moldem o mundo à imagem da Igreja (ou, para ser mais preciso, de acordo com as crenças da Igreja). Esta cosmovisão conduz à dicotomia entre ganhar ou perder²³. A Igreja ganha ou perde o mundo, e esta dicotomia conduz a um discurso triunfalista e à desilusão pragmática. E, o que é ainda mais grave, quando a Igreja consegue alcançar o poder para impor os seus valores, no meio da guerra pela cultura, a história diz-nos que o evangelho do amor se transforma em crueldade e ódio. A justiça do Reino de Deus transforma-se em opressão e desigualdade. Cinco séculos de cristianismo de conquista católica na América Latina e de cristianismo imperial protestante no mundo deveriam ensinar-nos que a conquista não pode ser a nossa motivação nem a nossa missão.

A conquista é uma categoria do Antigo Testamento, mas não do Novo. A categoria do Novo Testamento é a da redenção e não a da conquista.

Porque talvez o mais grave nisto, em relação ao que temos vindo a desenvolver desde o início, seja o facto de o espírito que está por trás desta cosmovisão de conquista ser o

²³ *Ese gran hombre de Dios, James Dobson, lo expresó bien intencionadamente, pero a mi criterio equivocadamente, así: “El lado vencedor es el que gana el derecho de enseñar lo que cree a sus hijos. Y si podemos hacer eso, escribiendo los planes de estudio, diciéndoles qué creer y dándoles el ejemplo de lo que queremos que comprendan, en una generación podemos cambiar toda la cultura”.*

mesmo que opera no sistema de dominação demoníaca. Trata-se da tentativa de estabelecer o cristianismo como uma cultura dominante que obrigue todos a conformarem-se a ela.

Este tem sido o grave erro da Igreja ao longo dos séculos, do qual hoje somos vítimas, mas de que no passado fomos os perpetradores. Hoje, existe um confronto direto entre grupos radicais secularistas, ateus, homossexuais, feministas, defensores da ideologia de género e outros contra a Igreja, que se caracteriza pelo ódio e pela perseguição, não só porque representam valores absolutamente contrários aos que nós, cristãos, defendemos, mas também porque, no passado, se sentiram perseguidos, discriminados, oprimidos, marginalizados e até odiados pelos cristãos, e agora retribuem na mesma moeda.

E aqueles que no passado foram vítimas são hoje agressores, e vice-versa. Por isso, a conquista não deve ser o nosso objetivo, nem a nossa motivação, nem a nossa perspetiva. Nós não pertencemos ao sistema de dominação. Nós pertencemos a outro reino espiritual. Devemos romper com a lógica do domínio humano sobre os outros, da imposição, da cristianização e do constantinismo cultural. Jesus disse que os poderosos deste mundo se impõem e dominam as nações, exercendo sobre elas o seu domínio. Mas disse que a Igreja não pode repetir esse modelo, mas sim o Seu modelo, o da entrega e do serviço²⁴. Aquele a quem devemos submeter não é o outro, mas sim o eu, entregando-nos em amor e serviço pelo outro.

John Howard Yoder afirmou que a novidade política que Deus traz ao mundo é uma comunidade de pessoas que servem em vez de governarem, que sofrem em vez de se imporem e infligirem sofrimento. O domínio imposto é contrário ao que é o Reino de Deus.

A responsabilidade dos cristãos é transformar radicalmente a cultura, não impondo valores de cima para baixo, mas através de um processo mais profundo: viver uma vocação de amor e serviço na realidade quotidiana.

A imensa maioria daqueles que promovem o esquema de conquista são cristãos extraordinários, fiéis que amam Deus e as pessoas. Mas creio que, sem se aperceberem, a sua proposta nos faz cair na armadilha de Satanás e no seu sistema de imposição. Por trás disso, mesmo que a motivação seja correta, existe um desejo inconsciente de domínio. Sem dúvida, estamos numa batalha cultural, uma guerra de cosmovisões, contra o sistema de dominação imposto pelo diabo, apoiado no «eu». Mas nós não lutamos segundo a carne, que responde a esse sistema de dominação. As nossas armas não são carnis²⁵. O príncipe deste mundo é aquele que detém o império por meio da imposição, da intimidação e do domínio. Mas esse império de medo e morte foi destruído pelo Senhor, não com essas armas, mas com a sua entrega amorosa na cruz²⁶. Se o sistema de dominação demoníaca é, no fundo, uma rebelião contra o Pai, a forma de combater esse sistema de dominação é manifestar as obras do Pai, as obras de amor, sendo a igreja, neste tempo, uma expressão da

²⁴ *Entonces Jesús, llamándolos, dijo: Sabéis que los gobernantes de las naciones se enseñorean de ellas, y los que son grandes ejercen sobre ellas potestad. Mas entre vosotros no será así, sino que el que quiera hacerse grande entre vosotros será vuestro servidor; y el que quiera ser el primero entre vosotros será vuestro siervo; como el Hijo del Hombre no vino para ser servido, sino para servir; y para dar su vida en rescate por muchos* (Mateo 20.25-27).

²⁵ 2 Coríntios 10.3-4.

²⁶ Hebreos 2.14.

Sua Paternidade para com todos, inclusive para aqueles que acreditam, vivem e promovem valores diferentes²⁷.

A tensão cosmológica

Em suma, estes desafios e as respostas da Igreja aos mesmos, a partir desta leitura cosmológica que estou a fazer, são o resultado da tensão apresentada por Jesus em relação aos seus discípulos, que estão no *kosmos*, mas não são do *kosmos*. Ou seja, presença sem pertença. A presença no *kosmos* evita a tentação escapista e isolacionista da escatologia do além. A não pertença ao *kosmos* evita a assimilação e o cativo cultural, bem como as diversas missionologias resultantes das escatologias do Reino consumado.

Esta tensão cosmológica postulada por Jesus encontra a sua expressão escatológica na conhecida frase «já, mas ainda não». As escatologias do reino consumado e completado aqui e agora afirmam, erradamente, que a obra da redenção já foi absolutamente concluída e que, por isso, a Igreja não está envolvida nessa luta de que nos fala o Novo Testamento. A verdade é que o reino de Deus já chegou, mas o reino do mal ainda não se foi. Por enquanto, o reino de Deus vive em tensão, contradição e combate.

A Igreja vive esta realidade escatológica. É uma comunidade chamada a ser *já* aquilo que o mundo está chamado a ser, em última instância, mas *ainda não* é.

Igreja comunitária alternativa

Gostaria de concluir recapitulando o que foi dito para apresentar uma proposta que ofereça uma resposta mais integral, coletiva e não individualista, fiel, amorosa e relevante às questões éticas que o mundo nos coloca, mantendo em equilíbrio a presença e não a pertença. O trabalho face às questões morais e sociais que o mundo de hoje nos apresenta é muito mais do que lançar cruzadas espasmódicas para lutar por alguns temas. A questão é muito mais profunda. Trata-se de nos tornarmos, como Igreja do Senhor, uma comunidade alternativa ao *kosmos*.

Como vimos, o *kosmos* está sob o domínio do maligno. Ou seja, é um sistema de dominação que opera através dos poderes espirituais que se assentam sobre as culturas, as nações e as instituições, e que exercem influência sobre as decisões morais das pessoas. Existe uma guerra cultural entre diferentes cosmovisões e o cristianismo. Estes poderes são anjos caídos, criaturas de Deus que se rebelaram contra Ele e abandonaram a vocação para a qual Deus os chamou. Esta guerra cósmica é uma rebelião contra a paternidade de Deus, como fonte de autoridade e de identidade. As batalhas do passado fazem parte desta mesma guerra de rejeição da paternidade de Deus. A atual é a ideologia de género, sob cuja égide se encontram a maioria das questões morais da atualidade. Mas o inimigo fundamental é o

²⁷ *Pero yo os digo: Amad a vuestros enemigos, bendecid a los que os maldicen, haced bien a los que os aborrecen, y orad por los que os ultrajan y os persiguen; para que seáis hijos de vuestro Padre que está en los cielos, que hace salir su sol sobre malos y buenos, y que hace llover sobre justos e injustos. Porque si amáis a los que os aman, ¿qué recompensa tendréis? ¿No hacen también lo mismo los publicanos? Y si saludáis a vuestros hermanos solamente, ¿qué hacéis de más? ¿No hacen también así los gentiles? Sed, pues, vosotros perfectos, como vuestro Padre que está en los cielos es perfecto (Mateo 5.44-48).*

«eu» entronizado, que se expressa numa cultura hiperindividualista. Perante isto, a Igreja tem respondido de diferentes maneiras, mas todas elas, partindo do mesmo individualismo que pretendem combater, têm uma visão parcial da missão e não integral, e ignoram o sistema de dominação demoníaco que paira sobre as estruturas culturais e as pessoas. A tentativa de recuperar o domínio cultural instaurou na Igreja o paradigma da conquista, que traz implícito o próprio espírito do sistema de dominação. A complexidade do quadro revela a tensão cosmológica expressa por Jesus ao dizer que estamos no mundo, mas não somos do mundo, e o seu correlato escatológico do «já, mas ainda não».

Creio que liderar apostolicamente para que a Igreja se torne uma comunidade alternativa ao *kosmos* resulta numa resposta que ultrapassa a parcialidade das opções visíveis, que supera o individualismo a partir de uma resposta comunitária e que ultrapassa o mero voluntarismo por meio da intervenção poderosa do Senhor no seio do seu Corpo.

Penso que na Grande Missão de Mateus 28 podemos encontrar algumas pistas para uma agenda apostólica que ajude a aperfeiçoar a Igreja como comunidade alternativa.

1. *Foi-me dado todo o poder*: a autoridade que Jesus possui e que conferiu à sua Igreja é aquela que provém do Pai. Se a guerra, a mãe de todas as batalhas, é a rebelião contra o Pai, a Igreja, enquanto comunidade alternativa a um *kosmos* que vive de costas para esse Pai, deve recuperar a vivência quotidiana com o Pai. Deus Pai deve deixar de ser uma mera afirmação teológica ou doutrinária, para se tornar uma experiência vivida que afirme a autoridade de Deus e a sua identidade na vida dos crentes. A maioria das igrejas evangélicas tem enfatizado principalmente a figura do Filho. A maioria das igrejas pentecostais-carismáticas tem enfatizado a pessoa do Espírito Santo. E Deus Pai não tem uma influência significativa na vida das pessoas e da comunidade. No entanto, Deus revela-se na Bíblia como Pai, Jesus é o caminho para o Pai e o Espírito Santo clama: «Abba, Pai». Ou seja, a paternidade de Deus é fundamental no evangelho. É por isso que o diabo se apresenta como um pai alternativo, o pai da mentira. João estabelece uma dupla afirmação apostólica que devemos hoje reafirmar no ministério apostólico: *Sabemos que somos filhos de Deus e que o mundo inteiro está sob o domínio do maligno*.
2. *Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra*. A missão da Igreja, enquanto comunidade alternativa, tem um quadro claro de autoridade que a Igreja deve estabelecer no *kosmos* através de voz e ação proféticas. Esta ação espiritual dirige-se aos poderes espirituais do mal. Não apenas repreendendo-os, mas dando-lhes a conhecer a sabedoria multifacetada de Deus, para que as estruturas que se encontram sob o seu domínio experimentem a redenção do evangelho. Essa autoridade deve ser declarada profeticamente também às elites do poder humano (governos, meios de comunicação social, formadores de opinião, etc.). Isto inclui a participação política, mas vai além dela. Abrange todas as esferas da vida pública.
3. *Portanto, ide*. A igreja, enquanto comunidade alternativa, não se afasta da realidade, nem foge com o pensamento no além, mas vai para o *kosmos*. Não é do *kosmos*, mas, como é enviada para o *kosmos*, está no *kosmos*. Isto fala-nos de uma presença fiel e pertinente da igreja na realidade. Como bem diz Hunter, uma cultura que seja genuinamente alternativa não pode emergir sem uma presença fiel em todas as áreas da vida. A realidade da corrupção e do pecado crescentes no nosso mundo não

é apenas o resultado da falta de influência do cristianismo na cultura em geral. É também a manifestação da sua ausência nas áreas-chave da cultura. Trata-se de «um abandono do chamamento à presença fiel... uma demonstração das áreas em que a Igreja não é saudável. Um corpo saudável exerce-se em todos os domínios da vida, não apenas em alguns. A falta de estímulo na vocação fomentou uma cultura de mediocridade em muitas áreas vocacionais»²⁸.

4. *Portanto, ide, e fazei discípulos.* A Igreja, enquanto comunidade alternativa, é uma comunidade de discípulos. Isto está relacionado com a própria essência da Igreja. E esta é uma tarefa pendente na Igreja de hoje e uma missão privilegiada para o ministério apostólico. A igreja não só proclama a vitória de Cristo sobre os poderes demoníacos e o seu sistema de dominação, como também encarna essa vitória ao viver uma nova vida, uma nova forma de relações sociais. Como disse Hendrik Berkhof, com Cristo «uma nova força fez a sua entrada no palco da história da salvação: a igreja... A própria existência da igreja, na qual gentios e judeus... vivem juntos na comunhão de Cristo, é, em si mesma, uma proclamação, um sinal, uma demonstração aos poderes de que o seu domínio ininterrupto chegou ao fim... Toda a resistência e qualquer ataque aos deuses desta era serão infrutíferos, a menos que a própria igreja seja resistência e ataque; a menos que demonstre, na sua vida e na sua comunhão, como os homens podem viver libertos dos poderes»²⁹.

A igreja não tem uma cultura diferente do *kosmos*, mas sim é uma cultura diferente. Não tem uma estratégia social, é uma estratégia social. Não possui uma ética social, é uma ética social. O seu estilo de vida julga o *kosmos* e, ao mesmo tempo, atrai-o. Mas o julgamento começa por ela própria. Porque os desafios éticos do Novo Testamento dirigem-se, em primeiro lugar, à igreja.

A Igreja deve ser diferente do mundo, uma verdadeira comunidade alternativa. A mudança da realidade não resulta, em primeiro lugar, de ações, mas do ser que se manifesta em ações de transformação. A Igreja, enquanto comunidade alternativa, é sal e luz no *kosmos*. A Igreja, enquanto comunidade alternativa, anuncia, através do seu estilo de vida, os valores integrais do Reino de Deus, e não se limita a denunciar os problemas morais dos outros³⁰.

²⁸ Hunter, pp. 144-145.

²⁹ Hendrik Berkhof, *Christ and the Powers* (Scotsdale, Pensilvania: Herald Press, 1962, p. 41 s. Cit. por Hunter, p. 232.

³⁰ El periodista español Víctor Lapuente se pregunta: “¿por qué los evangélicos blancos de los USA votaron masivamente a un profeta del materialismo, el hedonismo y el narcicismo como Trump? ¿Por qué los católicos italianos apoyaron a Berlusconi? ¿Por qué tantas voces religiosas en la Europa Oriental corean a déspotas oportunistas? Parece una contradicción que los votantes más fundamentalistas se alíen con los líderes más inmorales. Y cita al historiador y pastor bautista Wayne Flynt quien señalaba que ha habido un giro en la moral de cabecera de los cristianos evangélicos. Hoy se movilizan contra aquellos pecados que ellos no cometen, como la homosexualidad o el aborto. Para un varón heterosexual le resulta cómodo aceptar las prescripciones contra la homosexualidad que los preceptos contra la avaricia omnipresente en la vida de cualquiera. En lugar de cuestionar nuestro propio comportamiento tratando de controlar impulsos que pueden ser dañinos para nosotros mismos y la comunidad, preferimos juzgar la conducta de los demás. Y termina diciendo que a esta tentación de ver la paja en el ojo ajeno denunciada por el propio Jesús ahora se le han sumado estímulos económicos y políticos. El resultado es odia: al prójimo como te amas a ti mismo”. Víctor Lapuente, “*La primera tentación de los cristianos*”, Diario El País, Madrid, 18-4-2017.

Hoje, preocupamo-nos mais com as leis que a política possa promulgar do que em ser sal e luz.

5. *Façam discípulos.* A igreja, enquanto comunidade alternativa, é formadora de discípulos. Isto inclui a evangelização, que é essencial, mas é muito mais do que isso. Inclui o estudo da Bíblia e das disciplinas espirituais, mas é muito mais do que isso. O discipulado envolve toda a vida. O problema que os crentes enfrentam hoje em dia é que foram previamente discipulados pela cultura não cristã, com a sua cosmovisão da vida e da realidade. É necessária uma liderança que compreenda a natureza do confronto cósmico e que discipule a igreja para um tempo como aquele em que vivemos. Os líderes da igreja não estão preparados para isto, e mudar esta situação é uma tarefa apostólica. Se tal não for empreendido, fará com que a igreja, apesar de ter recebido toda a autoridade, continue cativa da cultura e do seu sistema de dominação.
6. *Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.* A igreja, enquanto comunidade alternativa, forma discípulos e imerge as nações na cosmovisão do Pai, para que a Pátria seja restaurada em todos os seus valores. Mergulha-as sob a autoridade do Filho, para que a nação se submeta ao seu senhorio, pela obra do Espírito Santo. Temos de trabalhar para que as leis que promovem o pecado não sejam aprovadas, pois trarão sofrimento social e pessoal. E temos de trabalhar para que sejam promulgadas as melhores leis que ajudem a viver uma vida mais humana. Mas a transformação da cultura não virá por meio das leis, mas sim pela obra regeneradora do Espírito Santo de Deus.
7. *Ensinando-os a guardar tudo o que vos ordenei.* A igreja, enquanto comunidade terapêutica, não se esquece da *didaké*. Isto é essencial. As pessoas não são recipientes vazios no momento em que se convertem. No seu íntimo, têm conteúdos, crenças, valores e experiências específicas. Nem tudo isso é reinterpretado e/ou filtrado pela nova fé; pelo contrário, esta pode acabar por ser absorvida por aquela cosmovisão anterior. Ao acreditar-se que certas crenças estavam a ser cristianizadas, na realidade estava-se a paganizar o Evangelho. Mas também é importante notar que a *didaké* vem depois da imersão. Não se pode impor nem forçar as pessoas a guardarem tudo o que Jesus ordena. As pessoas e a nação têm primeiro de ser imersas numa relação com Deus, para que só então aprendam a viver como o Pai deseja. Tentar viver segundo os princípios de Jerusalém na Babilónia é uma utopia absurda. Que a igreja pretenda que na nação se vivam os princípios do Reino quando as pessoas não pertencem ao Reino é uma pretensão ilusória. As crenças, os valores e os comportamentos do Reino destinam-se àqueles que submeteram a sua vida ao Rei. Mais uma vez, esta tarefa de conversão e ensino deve começar pela própria igreja. O ministério apostólico hoje deve tornar inseparáveis o *kerygma* e a *didaké*.
8. *E eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo. Amen.* O Cristo exaltado torna-se agora presente por meio de uma igreja, uma comunidade alternativa que tem um estilo de vida encarnacional.³¹ A presença do Cristo vivo e exaltado encarna-se na vida da

³¹ Juan Manuel Montané en su tesis de Maestría en Teología, titulada: *La contextualización del Kerigma Apostólico*, p. 160, cita a Alan Hirsch quien habla de cuatro aspecto de un estilo de vida encarnacional:

Igreja e a Igreja encarna-se na realidade da nação, tornando presente a paternidade de Deus. A encarnação é a única resposta ao desafio da perda do conceito de verdade. Uma Igreja que apoia com os seus atos aquilo em que acredita e proclama. E a encarnação é também a única resposta ao desafio do «outro», do pluralismo e da diferença. O amor e o serviço ao outro, mesmo sendo pecadores, foram o modelo encarnacional de Jesus. Assim como Ele nos assegura a sua presença, a Igreja, enquanto comunidade alternativa, é formada por discípulos que estão plenamente presentes uns para os outros e para aqueles que não pertencem à comunidade. Quando o amor do Pai se torna presente através de nós nos lugares onde estamos e nas tarefas que realizamos, a ausência de Deus no mundo dá lugar à sua presença.

Conclusão

Somos chamados a estar no mundo, sem sermos do mundo. É tempo de assumir uma interação com o *kosmos* que não seja constantiniana. Uma igreja que não procure dominar o mundo, nem defina a sua identidade e missão em oposição ao domínio do mundo. Vivemos num mundo com uma cosmovisão pós-cristã, mesmo em países cujas maiorias continuam a afirmar que são cristãos. Longe de assumir a conquista como a nossa narrativa fundadora para a missão neste tempo, devemos ter consciência de que somos, mais do que nunca, um povo no exílio. Tal como o foi a Igreja primitiva no contexto de opressão social e de absoluta imoralidade do Império Romano.

Neste contexto, muitas das diferenças que dividiram a Igreja no passado tornam-se irrelevantes. Neste contexto, a recuperação do lugar central da Igreja como família do Pai revela-se essencial. A sua condição de comunidade do amor do Pai torna-a indispensável no meio do vazio ultraindividualista. Por isso, aqueles que defendem tendências anti-institucionais que incentivam o êxodo da vida congregacional e alimentam o número dos afastados que não frequentam a igreja, alegando que se trata de um avanço saudável e de um sinal de uma expressão nova e revolucionária do cristianismo, estão profundamente enganados e estão a ser utilizados pelo sistema de dominação demoníaco. Porque tais tendências são o resultado de uma lógica de consumismo que transforma a escolha

• *Presencia: Si las relaciones son el medio clave para la transferencia del evangelio, eso significa que vamos a tener que estar presentes entre la gente de nuestro círculo. Nuestras vidas son nuestro mensaje y no podemos ausentarnos de esta ecuación.*

• *Proximidad: Jesús se mezcló con gente de todos los niveles de la sociedad. Comió con fariseos, recaudadores de impuestos y prostitutas. Si vamos a seguir sus pasos, tendremos que estar directa y activamente implicados en las vidas de las personas a quienes queremos llegar: Eso no solo implica nuestra presencia, sino una disponibilidad genuina, espontánea y sostenida con las amistades y comunidades en que habitamos.*

• *Carencia de poder: Si intentamos actuar como Cristo, no podemos depender de las formas de poder normales para comunicar el evangelio. Tenemos que tomarnos el modelo de Jesús con absoluta seriedad (Mateo 23:25-28; Filipenses 2:5) Esto nos compromete al servicio y la humildad en nuestras relaciones con el mundo. Desafortunadamente, gran parte de la historia de la iglesia muestra lo poco que hemos asimilado este aspecto de la encarnación de Cristo en nuestra comprensión de la iglesia, el liderazgo y las misiones.*

• *Proclamación: Un enfoque genuinamente encarnacional requerirá el que estemos siempre dispuestos a compartir el evangelio con las personas de nuestro mundo. No podemos extraer este aspecto de la ecuación y seguir fieles a nuestro llamamiento. Somos en esencia “una tribu con mensaje” y eso significa que debemos asegurarnos de ser fieles en la transmisión del mensaje que llevamos por medio de la proclamación. (Hirsch 2009:148).*

individualista no fator central e único soberano. Essa ideia que hoje se estabeleceu³², de que cada um vai reunindo os elementos espirituais de que necessita e que considera valiosos, constituindo assim milhões de experiências de «igrejas personalizadas», pertence, na realidade, à cosmovisão consumista do sistema de dominação, impulsionada pelas exigências terapêuticas do indivíduo. Mais do que uma expressão de cristianismo revolucionário, é uma expressão do individualismo e do consumismo característicos do sistema de dominação, cujo efeito procura minar as estruturas da igreja, a única realidade capaz de resistir de forma construtiva ao pior da cultura atual, que é o seu egoísmo.

Rejeitamos toda a ideia de que a realidade hiperindividualista, consumista, materialista, narcisista, hedonista e de entretenimento entorpecente, bem como os seus efeitos morais, não possa ser transformada. Que essa seja a realidade a aceitar e que não possa ser contestada. Não. O nosso Senhor já despojou os principados e as potestades, expô-los publicamente, triunfando sobre eles na cruz. Não estamos presos a eles. Jesus Cristo, o Senhor, quebrou a sua soberania e, por conseguinte, toda a mudança é possível. Não o faremos adotando a espiritualidade decadente da dominação e da conquista. A nossa tarefa é retirar-lhes a invisibilidade, proclamando a vitória de Cristo sobre eles. A nossa existência como igreja, como família de filhos e filhas do Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, já demonstra que a rebelião dos Poderes foi vencida! A nossa tarefa, como comunidade alternativa, é viver isto e proclamá-lo.

Carlos Mraida

³² Ver Hunter, pp. 412, 477-478.